



As Escolas Inglesa e Italiana de Morfologia Urbana e sua influência nos estudos morfológicos urbanos no Brasil

DINIZ, Mariana Pizzo (1), OLDONI, Sirlei (2).

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

Rua Santa Rosa, 1335, Vila Industrial, Toledo PR, 85904160, Brasil. Telefone: 55 45999604063 - 55 45999651077

mpdarquitura@gmail.com, sirleioldoni@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho investigou o surgimento da morfologia urbana e de suas linhas de pesquisa, e foi resultante de uma pesquisa bibliográfica. Teve como objetivo principal apresentar o processo histórico e social do surgimento das Escolas Inglesa e Italiana de Morfologia Urbana e sua significativa influência na emergência dos estudos morfológicos no Brasil. Inicialmente, buscou-se conceituar a morfologia urbana, compreendendo a cidade como resultado da acumulação e da integração de muitas ações determinadas pelas tradições, culturas, ideias políticas, forças econômicas, grupos ou indivíduos, o que a tornou um organismo em constante modificação. Na sequência, apresentaram-se breves históricos das escolas tradicionais Inglesa e Italiana e em seguida os estudos de morfologia urbana desenvolvidos no Brasil a partir das influências dessas duas correntes.

Palavras-chave

Morfologia urbana, Escola Inglesa, Escola Italiana, Estudos morfológicos, Brasil.

1 Morfologia urbana: conceitos e definições

A palavra Morfologia tem origem nos termos gregos *morpho*, que significa forma, aparência, e *logos*, cuja ideia expressa um estudo, tratado, sendo empregado em diversas áreas do conhecimento. Oliveira e Monteiro (2014) destacam que o termo foi inicialmente formulado por Goethe¹, na passagem do século XVIII para o século XIX ligado aos seus estudos de Biologia.

De fato, inicialmente empregou-se o termo em estudos de ciências biológicas como afirmam Simões, *et al.* (2014), cujo significado exprime o estudo das formas, ou, então a história da variação das formas de um ser vivo.

Posteriormente, aplicando-se este conceito na área do urbanismo, tem-se a definição de Morfologia Urbana, conforme apontam Costa e Netto (2015). Trata-se do estudo da forma dos centros urbanos resultante das ações da sociedade sobre o meio, um produto físico, representado por lotes, quadras, ruas, entre outros elementos, que pode ser edificado e transformado pelo ser humano. (GAUTHIER, GILLILAND, 2006; PEREIRA, 2012).

¹ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), nasceu em Frankfurt, Alemanha sendo considerado um dos mais famosos representantes da poesia alemã, tendo dedicado parte de seus trabalhos aos estudos em Biologia, donde a proposição do termo morfologia para identificar a área biológica do estudo das formas dos seres vivos. (OLIVEIRA e MONTEIRO, 2014).

Outras definições de Morfologia Urbana, encontradas em Moundon (1997) e em Lévi Strauss² (1955), apontam-na como o estudo da cidade, entendendo-a como um habitat humano, a mais complexa intervenção humana, a conjunção entre natureza e artefato.

Considerando tais definições, de acordo com Costa e Netto (2015) é importante que se destaque a relação intrínseca entre morfologia urbana e a ocupação do solo, pois a edificação, o parcelamento e os espaços livres³ refletem a intenção humana e as demandas da sociedade em cada período, o que acarreta modificações no traçado urbano, isto é, nas vias, praças, quadras e suas conseguintes subdivisões em quarteirões e lotes.

Assim, o passado e o presente, conforme apontam Lynch (1997) e Pillsbury (1970), estão materializados fisicamente nos centros urbanos, remetendo a uma cronologia das construções e das características de cada sociedade. Logo, de acordo com Mugavin (1999), se a questão da temporalidade é apresentada pela ação do tempo sobre o espaço urbano, existem instrumentos que podem fornecer ao homem o entendimento e percepção do seu entorno.

A morfologia urbana, neste sentido, atua como um instrumento, cujos métodos separam as camadas que compõem a forma urbana, podendo ser entendida como toda entidade material que provém de elementos físicos como ruas, quadras, espaços livres e suas relações materiais. (HOLAND *et al*, 2000).

Logo, a separação destas camadas possibilita ao homem compreender o espaço em que ele vive como um produto dinâmico urbano que a cada dia possui novas formas e traçados. (LAMAS, 1993).

Em sendo assim, Costa e Netto (2015) e Macedo (2012), apontam que os fatores dinâmicos da configuração urbana, isto é, a forma como a cidade está organizada, setorizada e disposta sobre o terreno, se constituem nas características da sociedade urbana local e, portanto, compreender o espaço requer, primeiramente, uma compreensão holística de todos os fenômenos que permeiam esta sociedade local.

Para Lamas (1993), os morfologistas, entendidos como os estudiosos da morfologia urbana, centram os resultados das pesquisas nas forças sociais e econômicas como fatores que direcionam e delimitam o futuro das cidades, pois a concretização das ideias e intenções só ocorre à medida que estas tomam forma. Além disso, hoje, desenhar e intervir em uma cidade requer a compreensão e o conhecimento da cidade antiga e moderna, as suas morfologias e processos de formação. (PAWSON, 1987).

Atualmente, esta preocupação para com a organização e manutenção futura das cidades, especialmente considerando as modificações da forma urbana, corroborou para o desenvolvimento de diversas pesquisas no âmbito da morfologia urbana que culminaram em inúmeras conferências e seminários,

² Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo, etnólogo e professor francês. Produtor de uma vasta obra, Lévi-Strauss foi o criador da antropologia estrutural.

³ Definem-se espaços livres como todo espaço dentro dos limites urbanos e em seu entorno, que necessariamente não são cobertos por edifícios, como por exemplo, as praças. (MAGNOLI, 2006).

como por exemplo, o Seminário Internacional da Forma Urbana⁴ (ISUF), criado logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com o intuito de criar um ambiente propício à discussão, prática e pesquisa sobre a forma urbana das cidades, gravemente afetadas pelas disputas. (ISUF, 2004).

As discussões são pautadas em uma base teórica comum, a qual Moudon (1997, p. 7) entende que “a cidade pode ser lida e analisada através de sua forma física”, configurada pelos espaços livres, parcelamento do solo, organização das vias e das edificações, compreendidos em quatro níveis de análise: “edifício/parcela, à rua/quarteirão, à cidade, e à região”, que a entende como uma composição histórica, que está em constante evolução. A sociedade modifica e constrói a cidade, portanto, esta é o resultado de transformações sociais, como aponta Rossi (2011). O modo como esses elementos se organizam é o objeto comum de estudo dos morfologistas. (REGO; MENEGUETTI, 2011).

2 Escolas tradicionais da morfologia urbana

Em se tratando da investigação morfológica, vários aspectos podem ser considerados, dentre eles a dinâmica social, econômica e política de uma sociedade. Apesar de vários autores discorrerem sobre a análise morfológica como um instrumento de inúmeras possibilidades de aplicação, há um consenso geral no que se refere ao fato da forma urbana poder ser analisada e estruturada a partir de três pontos, como citam Moudon (1997) e Costa e Netto (2015).

Na primeira definição, a forma urbana tem sua gênese a partir dos elementos físicos fundamentais, como as edificações e os espaços livres. Em uma segunda análise, a forma urbana surge em decorrência das escalas que institucionalizam a relação construtiva entre o edifício e o lote, as vias e as quadras. Por último, a terceira definição caracteriza a forma urbana como uma composição histórica, isto é, a sociedade modifica e constrói a cidade, portanto, esta é o resultado de transformações sociais. (COSTA e NETTO, 2015).

Apesar deste consenso, existem três correntes analíticas, escolas ou linhas de estudo da morfologia urbana, porém de acordo com Costa e Netto (2015), são duas as principais linhas tradicionais de investigação: a italiana e a inglesa.

2.1 A escola italiana: breves considerações

A escola italiana, conforme discorrem Cataldi, Maffei e Vaccaro (2014), tem como precursor Saverio Muratori, nascido em 1910, na província de Modena, cujo pensamento e prática profissional influenciaram diretamente seus seguidores, quando após completar a sua graduação, dedicou-se ao ensino da arquitetura e urbanismo na Escola de Arquitetura de Roma. O estudioso passou a estar em contato com

⁴ Em tradução livre da autora: **ISUF 2017** (24º Seminário Internacional da Forma Urbana) acontecerá entre os dias 27-29 de Setembro de 2017, em Valência, Espanha. O tema principal da conferência será “Cidade e território na era da globalização”. Para mais informações, acessar o site oficial do Seminário disponível em: <<http://valencia2017isufh.com/>>.

novas ideias e proposições no meio acadêmico, e a partir deste momento, passou a publicar artigos e difundir seus conhecimentos em diversos campos. (COSTA e NETTO, 2015).

Ainda, de acordo com os autores acima citados, o trabalho de Muratori e sua prática profissional e acadêmica podem ser subdivididos em três períodos. O primeiro período, entre os anos de 1933-1946, que se destaca por suas publicações em revistas de arquitetura e seus projetos arquitetônicos, que estavam sendo construídos na Europa. Como arquiteto, Muratori foi influenciado pelas concepções racionalistas de Le Corbusier, pelo uso de formas tradicionais e pela modernidade dos materiais de construção. De acordo com Maretto (2012), esses projetos apresentam os conceitos estruturadores que futuramente balizariam os seus trabalhos seguintes. Ou seja, Muratori elaborou um eixo estruturador empregando as variações tipológicas conforme a hierarquia viária.

Durante o segundo período, entre 1947 e 1963, Muratori passou a aliar sua carreira projetual como arquiteto e a atividade acadêmica. Apesar de durante a Segunda Guerra Mundial ter sua carreira interrompida, seus estudos e reflexões críticas foram aprimoradas. Pela primeira vez, os conceitos que consideram as cidades como organismos vivos e como local coletivo da obra de arte, além de propor o planejamento das novas edificações em continuidade com a cultura edílica do local, aparecem. Este período é compreendido como o ápice da carreira acadêmica de Muratori e em sua vida projetual, influenciando o próprio processo de desenvolvimento urbano na cidade de Roma. (CATALDI, MAFFEI E VACCARO, 2014).

Por fim, o terceiro período, definido entre os anos de 1964 e 1973, combina não só o declínio da influência de Muratori e sua saída da Universidade de Roma, como também a dissolução da Escola Romana de Morfologia Urbana. (COSTA; NETTO, 2015).

Assim sendo, o legado transmitido pela Escola Italiana de Morfologia Urbana e seu principal idealizador, Saveiro Muratori, foi difundido e estudado amplamente por seus discípulos. Atualmente, de acordo com Costa e Netto (2015), os conceitos muratorianos que estruturaram a Escola Italiana são sete: a linguagem tecnológica arquitetônica, o processo tipológico, a consciência espontânea e a consciência crítica, o organismo urbano, a história operativa, as escalas de análise e os ciclos civilizatórios e, por último, a questão geográfica do ambiente humano.

2.2 A Escola Inglesa de Morfologia Urbana

De acordo com Costa e Netto (2015), a Escola Inglesa adota como definição de morfologia urbana os parâmetros de estudo da evolução das formas a partir das transformações e modificações, com o propósito de estabelecer uma teoria sobre a construção da cidade. Assim, como aponta Whitehand (2007), o parcelamento do solo é compreendido como o principal elemento de análise da forma urbana.

O expoente da Escola Inglesa é o alemão Michael Robert Gunter Conzen, nascido em Berlim, em 21 de Janeiro de 1907. Seus estudos iniciais foram nas áreas de Geografia Histórica e Filosofia, na Universidade de Friedrich Wilhelms, na capital alemã. (WHITEHAND, 2001).

Conforme aponta Whitehand (2007) e Hofmeister (2004), tradicionalmente, o estudo das formas urbanas foi iniciado e instituído nos cursos de Geografia na Alemanha do século XIX e, particularmente, aponta-se Otto Schlüter⁵ como responsável por levar esta ciência da paisagem urbana a ocupar lugar de destaque na Geografia Humana, ainda durante as três primeiras décadas do século XX⁶. Considerando o exposto, M.R.G. Conzen, influenciado por seus mestres, passa a analisar a configuração formal urbana a partir de sua evolução histórica e social. (COSTA; NETTO, 2015).

O geógrafo alemão inicia, então, seus estudos na cidade medieval de Alnwick⁷, localizada entre Newcastle e a fronteira com a Escócia. Os resultados de sua pesquisa, através da identificação de cinco períodos morfológicos e da análise econômica e social de cada etapa, permitiram-lhe a compreensão e o entendimento de toda a paisagem urbana e, conseqüentemente, a conceituação formal de toda a cidade. (CONZEN, 1960).

Assim sendo, de acordo com Netto, Costa e Lima (2014) e Whitehand. (2007), a Escola Inglesa de Morfologia Urbana possui como método de análise sistemática da paisagem urbana a partir da organização temporal dos períodos morfológicos e a visão Tripartite, ou seja, a cidade é subdividida em três complexos formais, o plano urbano, o tecido urbano e o seu respectivo padrão de uso e ocupação, desde o solo até as edificações.

Do plano urbano dá-se a lógica de ocupação do território, a criação de espaços a partir da topografia e características naturais do sítio. Os agrupamentos de quarteirões, ruas, praças, lotes e outros elementos definem os tecidos urbanos. Por conseguinte, este último delimita o uso e a ocupação, tanto do solo quanto da edificação. (WHITEHAND, 1981).

Considerando o exposto, como afirma Costa e Netto (2015, p. 55), “a excelência de todo o trabalho produzido na cidade de Alnwick e os subseqüentes estudos realizados em Newcastle upon Tyne,

⁵ Otto Schlüter (1872-1959) foi um geógrafo alemão creditado por ter criado a definição de ‘paisagem cultural’, isto é, a ideia de que a paisagem é um *design* do homem. Para mais informações, visitar o site da Universidade de Halle. Disponível em: < <http://sundoc.bibliothek.uni-halle.de/nachlaesse/Schlueter/schluet1.htm>>.

⁶ Em tradução livre da autora: ‘*Arguably the father of urban morphology was the geographer Otto Schlüter [...]. Particularly under his influence, the urban landscape (Stadtlandschaft) came to occupy a central place within human geography in the first 3 decades of the twentieth century*’. (WHITEHAND, 2007, p.2).

⁷ A cidade de Alnwick está localizada no oeste da Inglaterra, próxima à fronteira com a Escócia. Foi escolhida por Conzen devido a sua formação, pois sua história remonta o ano de 1309, e desde então sua principal característica permanece no setor comercial. (SITE ALNWICK CASTLE). Na Idade Média, as chamadas “Market Towns” conforme define Landau (2013), eram pequenos vilarejos do interior do reino, cuja principal atividade de subsistência era a troca e venda de produtos. Desta forma, Conzen (1960) percebeu que a cidade de Alnwick matinha muitas de suas características originais, o que permitiu à sua pesquisa compreender todos os períodos morfológicos da cidade, desde o século XIV. Nesta pesquisa M.R.G. Conzen desenvolve suas bases metodológicas, e com sua publicação em 1960 constitui a maior contribuição para a Morfologia Urbana no período pós-guerra. (COSTA e NETTO, 2015).

tornaram-se referências essenciais para os estudos de Morfologia Urbana constituindo um legado e o seu desenvolvimento por seguidores”.

Assim, concebendo-se que a transformação das paisagens urbanas trata-se de um processo natural de evolução, como discorre Del Rio (1990), cabe à Morfologia Urbana, em suas variadas definições, compreender as intrínsecas relações históricas e sociais que regem a transformação e evolução da forma urbana.

3 Influências das escolas tradicionais de morfologia urbana no Brasil

No Brasil, a influência das Escolas Tradicionais de Morfologia Urbana reflete-se em diversos campos de pesquisa. Neste contexto destacam-se as pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal de Minas Gerais, por Stael Alvarenga Pereira da Costa e Maria Manoela Gimmler Netto, cuja base conceitual tem como guia os estudos de Conzen e Muratori. (COSTA E NETO, 2015).

Através da aplicação da metodologia conzeniana, no caso específico de Ouro Preto, em Minas Gerais, agruparam-se intervalos históricos que corroboraram para a formação dos períodos históricos, segundo Costa e Netto (2015). Estes períodos, por sua vez, são subdivididos em períodos evolutivos e morfológicos, para então, iniciarem-se as análises para a avaliação da formação e evolução da paisagem urbana. Com relação à Escola Italiana, conforme apresentado também por Costa e Netto (2015), a cidade histórica de Ouro Preto, em Minas Gerais, é analisada segundo a metodologia italiana, considerando o tipo-morfológico e tipo edilício.

No Paraná, na Universidade Estadual de Maringá destacam-se as pesquisas desenvolvidas por Karin Schwabe Meneguetti e Renato Leão Rego. Pautados nos conceitos conzenianos, foram produzidos inúmeros artigos, relatórios, teses e outros materiais que servem como fundamentação de outros estudos posteriormente. À exemplo, cita-se os artigos intitulados “A respeito de morfologia urbana: tópicos básicos para estudos da forma da cidade” e “O território e a paisagem: a formação da rede de cidades no norte do Paraná e a construção da forma urbana”, publicados em 2011 e 2008, respectivamente, ambos embasados por definições morfológicas que compreendem a forma das cidades e a sua evolução a partir dos preceitos ingleses. (MENEGUETTI, REGO, 2011; 2008).

Outras pesquisas relacionadas às questões morfológicas vão além das bases propostas pelas Escolas Tradicionais de Morfologia. Em São Paulo, as pesquisas desenvolvidas abrangem um campo maior de análises, autores como Eugenio Fernandes Queiroga⁸ e Silvio Soares de Macedo⁹, presentes no cenário

⁸ Publicado em 2014, o artigo intitulado “Da relevância pública dos espaços livres: um estudo das metrópoles e capitais brasileiras”, analisa a questão dos espaços livres, áreas livres de edificações, como elemento da cidade contemporânea.

⁹ Autor de vários livros cita-se a obra “Paisagismo Brasileiro na Virada do Século”, publicada em 2012, que através de uma análise histórica, investiga questões relacionadas à paisagem urbana.

de pesquisas da USP, possuem estudos relacionados à investigação dos espaços livres e da paisagem urbana respectivamente, ampliando os campos de análises da Morfologia Urbana no Brasil.

Com destaque por sua produção teórica, Renato Tibiriça de Saboya, atualmente ligado às pesquisas da Universidade Federal de Santa Catarina, possui como linha de investigação questões relacionadas ao planejamento urbano e sistemas de informação e da morfologia da vitalidade urbana. De igual destaque cita-se Frederico Holanda, importante pesquisador ligado à Universidade de Brasília, cujos estudos pautam-se na relação entre a paisagem, a cidade e a arquitetura.

Considerações finais

Pelo presente estudo foi possível compreender a definição de morfologia urbana que designa, segundo Lamas (1993), Rego e Meneguetti (2011), essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, compreendendo e explicando a paisagem urbana, isto é, todos os elementos que a compõe e sua complexa estrutura.

De acordo com os autores estudados, inicialmente pode-se afirmar que a cidade, como fenômeno social, é resultante da acumulação e da união de muitas ações determinadas pelas condições sociais, culturais, políticas, econômicas, grupos ou indivíduos e, desta forma, precisa ser compreendida como um organismo em constante modificação. O homem transforma o meio em que vive, pois, de acordo com Benevolo (2013), a forma física de uma cidade corresponde a sua organização social.

Para Lamas (1993), os elementos que compõem a morfologia urbana podem ser agrupados em torno de dez elementos morfológicos que nos permitem analisar a forma e o traçado urbano, constituindo-se, portanto, como princípios ou instrumentos de compreensão atual e histórica dos fenômenos morfológicos dos centros urbanos.

Pelo estudo, inicialmente realizado, apurou-se que as principais escolas da Morfologia Urbana surgiram na Europa, durante os anos de 1960, principalmente na Inglaterra e Itália, com seus respectivos idealizadores e suas linhas morfológicas (COSTA e NETTO, 2015).

Observou-se, entretanto, que apesar destas escolas tradicionais possuírem métodos e linhas de estudos diversos, com princípios de pesquisa atribuídos a diferentes posicionamentos, é certo que seus objetos de análise são os elementos morfológicos elencados no presente artigo. Assim, por mais que existam diferentes correntes de pensamento, todas corroboram para a compreensão e entendimento dos elementos da morfologia urbana e dos componentes essenciais de todas as cidades.

Por fim, depreendem-se as análises referentes às pesquisas sobre a morfologia urbana desenvolvidas em âmbito nacional. Como resultado desta investigação, conclui-se sobre a existência de inúmeros trabalhos no campo morfológico das cidades, sendo estes estudos frutos de complexas pesquisas em importantes universidades nacionais. Por conseguinte, observa-se a grande influência das Escolas Tradicionais de Morfologia Urbana, Inglesa e Italiana, pois estas configuraram a base conceitual e metodológica para a pesquisa das cidades brasileiras.

Referências bibliográficas

Amadio, Decio. (2004). Desenho Urbano e Bairros Centrais de São Paulo: um estudo sobre a formação do Brás, Bom Retiro e Pari. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-24032010-093752/pt-br.php>. Acesso em: 10/05/2017.

Benevolo, Leonardo. (2013). A cidade e o arquiteto. Trad. Attilio Cancian. 2.ed. São Paulo: Perspectiva.

Batista, Rodrigo Uchôa (2014). Morfologia, Densidade e Sustentabilidade Urbana: O Caso da Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.dissertacoes.poli.ufrj.br/dissertacoes/dissertpoli1282.pdf>>. Acesso em: 10/05/2017.

Cataldi, Giancarlo; Maffei, Gian Luigi; Vaccaro, Paolo.(2014). Saverio Muratori e a escola Italiana de tipologia projetual. In: Revista de Morfologia Urbana, n.2, 25-36.

Conzen, Michael Robert Gunter. (1960). *Alnwick, Northumberland: A study in town plan analysis*. Inst. Br. Georg., Londres, n.27.

Costa, Staël de Alvarenga Pereira; Netto, Maria Monoela Gimmler.(2015), Fundamentos de Morfologia Urbana. Belo Horizonte: C/Arte.

Del Rio, Vicente. (1990). Introdução ao desenho urbano no Processo de Planejamento. São Paulo: Pini.

Gauthier, Pierre; Gilliland, Jason. (2006). Mapping urban morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form. In: *Urban Morphology*, v.10, n.1, 41-50.

Gomes, Marco Aurélio A. de Filgueiras; Lima, Fábio José Martins de. (1999). Pensamento e Prática Urbanística em Belo Horizonte, 1895-1961. In: Leme, Maria Cristina da Silva. (Org.) Urbanismo no Brasil: 1895 – 1965. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM.

Hofmeister, Burkhard. (2004). The study of urban form in Germany. International Seminar on Urban Morphology, n.8, 3-12. Disponível em: <<http://www.urbanform.org/pdf/hofmeister2004.pdf>>. Acesso em: 21/03/2017.

Holland, Frederico de; *et all.* (2000). Forma urbana: que maneiras de compreensão e representação. In: Estudos urbanos e regionais. n.3. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12151/1/ARTIGO_Forma_Urbana.pdf>. Acesso em: 15/05/2017.

International Seminar on Urban Form -ISUF.(2004). *Constitution of the International Seminar on Urban Morphology*. Texto de apresentação. Disponível em: <http://www.urbanform.org/pdf/ISUF_constitution.pdf>. Acesso em: 22/04/2017.

Lamas, José Manuel Rossano Garcia. (1993). Morfologia urbana e desenho da cidade. 2. ed., Fundação Calouste Gulbenkian.

Landau, Sidney I. (2013). *Cambridge dictionary of American English: for speakers of Portuguese*. Trad. Cláudia Berliner; *et all.* 2.ed., São Paulo: WMF, Martins Fontes.

Lévy Strauss, Claude.(1955). *Tristes Tropiques*. Paris: Terre Humaine.

Lynch, Kevin. (1997). A imagem da cidade. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

Macedo, Sílvia Soares. (2012). Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010. São Paulo: Unicamp.

Magnoli, Miranda Martinelli. (2006). O Parque no desenho urbano. In: Paisagem e Ambiente: ensaios / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n.21, p.201-2013, São Paulo: FAU.

Maretto, Marco. (2012). The early contribution of Saverio Muratori: between modernism and classicism. In: *Urban Morphology*, n. 16, 121-32,. Disponível em: <<http://www.r-a-m.it/publications/online/1412811928/4-The%20early%20contribution%20of%20Saverio%20Muratori-%20between%20modernism%20and%20classicism.pdf>>. Acesso em: 25/04/2017.

Myiazaki, Vitor Koiti. (2013). Estruturação da Cidade Morfologia Urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Área de Concentração: Produção do Espaço Geográfico. Presidente Prudente-SP.

Moudon, Anne Vernez. (1997). Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field. In: *Urban Morphology*, v.1, n.1, 3-11. Disponível em: < <http://www.urbanform.org/Pdf/moudon1997.pdf>>. Acesso em: 23/04/2017.

Mugavin, Damien. (1999). A philosophical base for urban morphology. In: *Urban Morphology*, vol. 3, n. 2, 95-99. Disponível em: < http://users.metu.edu.tr/ioguz/Mugavin_1999.pdf>. Acesso em: 23/04/2017.

Netto, Maria Manoela Gimmler Netto; Costa, Stael de Alvarenga Pereira; Lima, Thiago Barbosa. (2014). Bases conceituais da escola inglesa de morfologia urbana. In: Paisagem e Ambiente, n. 33, 29-48. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/90309/92977>>. Acesso em: 23/04/2017.

Oliveira, Vítor; Monteiro, Cláudia. (2014). As origens da morfologia urbana e a geografia alemã. In: *Revista de Morfologia Urbana* (2014), 2(1),37-46. Rede Portuguesa de Morfologia Urbana, ISSN 2182-7214. Disponível em: <<http://pnum.fe.up.pt/pt/files/5114/0180/2180/RMU%202.1%20Perspectivas.pdf>>. Acesso em: 21/05/2017.

Pawson, Eric.(1987). The social production of urban space. In: *New Zealand Geographer*, vol. 43, n. 3, 123-129. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-7939.1987.tb01112.x/abstract>>. Acesso em: 23/04/2017.

Pereira, Renata Baessa. (2012). Tipologia arquitetônica e morfologia urbana: uma abordagem histórica de conceitos e métodos. In: Revista Online Vitruvius. v.146.04, Julho. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>>. Acesso em: 23/04/2017.

Pillsbury, Richard. (1970). The urban street pattern as a culture indicator: Pennsylvania, 1682-1815. In: *Annals of the Association of American Geographers*, v. 61, p. 428-446, 1970. Disponível em:< http://www.jstor.org/stable/2561668?seq=1#fdtn-page_thumbnails_tab_contentes >. Acesso em: 23/04/2017.

Queiroga, Eugenio. (2014). Da relevância pública dos espaços livres: um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 58, 105-132, jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i58p105-132>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Rego, Renato Leão; Meneguetti, Karin Schwabe. (2011). A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. In: *Acta Scientiarum Technology*, v.33, n.2, 123-127, Maringá. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/viewFile/6196/6196>>. Acesso em: 23/04/2017.

_____. (2008). O Território e a Paisagem: a formação da rede de cidades do norte do Paraná e a construção da forma urbana. In: Paisagem Ambiente: Ensaios. n.25, 37-54. São Paulo.

Rossi, Aldo. (2001). Arquitetura da Cidade. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Simões, Ricardo Santos; et all. (2014). Etimologia de termos Morfológicos. UNIFESP: São Paulo. .Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/dmorfo/Prof%20Manoel%20Histologia/Dicionario%20etimologico.pdf>>. Acesso em: 23/04/2017

Whitehand, Jeremy W.R. (1981). *The making of the urban landscape*. IBG Special Publication, n. 26, Blackwell: Oxford Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/Journals/urban-history/article/whitehandjwr-the-making-of-the-urban-landscape-the-institute-of-ritish-geographers-special-publications-series-oxford-blackwell-1992-vii-239pp-illustrations-3500/B6909C20BF8095F75167671014403B51>>. Acesso em: 25/04/2017.

- _____. (2001). British Urban Morphology: the Conzenian tradition. ISUF, *International Seminar on Urban Form*, Proceedings Cincinnati, v.1, Disponível em: <<http://www.urbanform.org/pdf/whitehand2001.pdf>>. Acesso em: 23/04/2017
- _____. (2007). Conzenian Urban Morphology and Urban Landscapes. *International Space Syntax Symposium, Proceedings Istanbul*. Disponível em: <http://www.SpaceSyntaxIstanbul.itu.edu.tr/papers%5Cinvitedpapers%5CJeremy_whitehand.pdf>. Acesso em: 22/04/2017.